

O ELEVADOR TRAVOU CONTO DIVERTIDO

Apertem os cintos!

Por Gislaïne Buosi

Tudo ia bem, apesar do mau humor da ascensorista, que ora apertava os botões do painel, ora esmaltava as unhas da noiva, prestes a subir no altar. O mau humor da Neusa dava-se por conta da calopsita, que havia feito sujeira no piso do elevador, os ocupantes se espremiavam nos cantos, para não sujarem os sapatos. Dona Teresa, a dona da calopsita, ria – ou melhor, gargalhava, não se sabia bem o porquê – talvez já risse aquela risada de pessoa que, ganhando cabelos brancos, vai perdendo o juízo!

Até que tudo ia bem, até o elevador travar – e então os gritos, o pânico. A noiva, que antes soprava as unhas para secar o esmalte, passou a chorar, diante da expectativa de não chegar a tempo para o casamento. A ascensorista, enquanto guardava as tralhas da manicure, praguejava. A calopsita... insistia em sujar o chão. Dona Teresa ainda ria, vasculhando a bolsinha, “Peraí! Cadê meu celular?!”

Dona Teresa desandou a clicar a cena – uma selfie com a noiva, outra com a ascensorista, outra com a calopsita no ombro, bocas e bicos, dentadura ensolarada, apesar do escuro do elevador. “Agora é só postar no *insta*, caprichar nas legendas!” – foi o que ela disse, e ria, ao sabor das curtidas nas postagens que havia acabado de fazer.

À essa altura, a ascensorista já havia acionado o botão do alarme, claro! Ou melhor, escuro! “Apertem os cintos!” – foi o que ela disse, talvez tenha sido comissária de bordo, antes de ser ascensorista... O pânico ativa memórias esquisitas! Dez, quinze minutos, e não surgia um super-herói para salvar os tripulantes do elevador travado.

De repente, ouviu-se um alarido. Os amigos virtuais da Dona Teresa salvaram a tripulação. Havia marretas, maçaricos, balões de oxigênio, mangueira d’água... Mas tudo não passou de uma brincadeira: entre os amigos da velhinha, havia um técnico em manutenção de elevadores, e então tudo foi resolvido.

A noiva chegou a tempo, a barra do vestido um pouco suja.